



Revista Educação Especial

ISSN: 1808-270X

revistaeducacaoespecial.ufsm@gmail.com

Universidade Federal de Santa Maria
Brasil

Quiterio, Patricia Lorena; Gerk, Eliane; d'Oliveira de Paula Nunes, Leila Regina
Avaliação multimodal das habilidades sociais de estudantes com paralisia cerebral
usuários de comunicação alternativa
Revista Educação Especial, vol. 30, núm. 58, mayo-agosto, 2017, pp. 455-470
Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=313152151014>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Avaliação multimodal das habilidades sociais de estudantes com paralisia cerebral usuários de comunicação alternativa

*Patricia Lorena Quiterio**

*Eliane Gerke***

*Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes****

Resumo

O aluno com paralisia cerebral que não consegue se comunicar oralmente de forma eficiente pode ser incapaz de expressar seus sentimentos e pensamentos, prejudicando seu desenvolvimento acadêmico e social. O objetivo geral desta investigação foi descrever o repertório de Habilidades Sociais de alunos com paralisia cerebral. Os objetivos específicos foram: a) adaptar o Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças (SMHSC – Del Prette e Del Prette) para alunos com paralisia cerebral, não-oralizados usando recursos da Comunicação Alternativa e, b) verificar a consistência de uma proposta de avaliação multimodal para pessoas com paralisia cerebral não-oralizadas. Foram desenvolvidos dois estudos. O primeiro cuidou da adaptação do instrumento e o segundo coletou os dados utilizando o inventário já corrigido. A avaliação multimodal envolveu a aplicação dos seguintes instrumentos: Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não-Oralizadas (IHSPNO), registro de observação direta dos alunos em situações sociais, questionário com os responsáveis pelos alunos e entrevista com os professores desses alunos. Para estimar a concordância entre a autoavaliação e a avaliação da professora por meio do IHSPNO optou-se pelo emprego do Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney, que verificou não haver diferença entre as duas formas de avaliação. Os dados revelaram frequência adequada de emissão de comportamentos nas subclasses Assertividade e Autocontrole e Expressividade emocional. Os sujeitos apresentaram frequência parcial em Habilidades Básicas, Empatia, Fazer amizades e Habilidades Sociais Acadêmicas e baixa frequência em Civilidade e Solução de Problemas Interpessoais. Este resultado aponta a necessidade de oferta de um Treinamento de Habilidades Sociais para pessoas com paralisia cerebral.

Palavras-chave: Educação Especial; Habilidades sociais; Paralisia cerebral.

* Professora doutora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

** Professora doutora da Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil.

*** Professora doutora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Multimodal assessment of social skills in students with cerebral palsy using alternative communication

Abstract

Students with cerebral palsy unable to efficiently communicate orally may be incapable to express feelings and thoughts and, consequently, their academic and social development are hindered. The general objective of this research was to describe the repertoire of social skills of students with cerebral palsy. The specific objectives were: (i) to adapt the Multimedia System of Social Skills for Children (MSSSC – Del Prette and Del Prette) to nonspeaking students with cerebral palsy by employing Augmentative and Alternative Communication resources and (ii) to verify the feasibility of a proposal of multimodal assessment for nonspeaking individuals with cerebral palsy. Two studies were made. The first dealt with the adaptation of the instrument and the second collected the data using the inventory. This assessment involved the application of the following instruments: the Social Skills Inventory for Nonspeaking Individuals (SSINSI), record of direct observation of students in social environments, parent questionnaire and interviews with school teachers. To estimate the correlation between the self-assessment and the teacher evaluation through SSINSI, we opted for the use of the Wilcoxon-Mann-Whitney test. This test verified that there was no difference between the two forms of assessment. The data revealed appropriate frequency of emission behavior at subclasses Assertiveness and Self-control and emotional expressiveness. The subjects had partial frequency at Basic Skills, Empathy, Making Friends and Academic Social Skills and low frequency at Civility and Interpersonal Problem Solving. The present findings indicate the need for Social Skills Training for disabled individuals with cerebral palsy.

Keywords: Special Education; Social skills; Cerebral palsy.

Introdução

O campo das relações interpessoais tem sido foco de interesse de várias pesquisas nas áreas de ciências sociais e humanas. A compreensão dos processos sociais e comunicativos é geralmente considerada essencial para a inclusão social e acadêmica de alunos com ou sem deficiência.

A escola, uma das instituições sociais responsáveis pela formação do ser humano, deve desenvolver uma proposta que atenda à diversidade que caracteriza seu alunado. Apesar da Declaração de Salamanca (1994) “afirmar que as escolas devem se ajustar a todas as crianças, independente de suas condições físicas, sociais, linguísticas ou outras” (art. 3, 1994), pode-se verificar que esta inclusão social - todos - ainda não parece ser regra. Com efeito, sob a perspectiva de Castel (2000) e Mendes (2010), as pessoas são excluídas socialmente pelo outro.

A participação da pessoa com deficiência nos contextos sociais tem merecido ampla discussão abrangendo diferentes aspectos, desde arquitetônicos até atitudinais.

Omote considera que os “julgamentos que a audiência faz da deficiência precisam ser tratados como parte do fenômeno social das deficiências” (2008, p. 19).

Alunos com deficiência podem apresentar dificuldades na linguagem receptiva (compreensão), na linguagem expressiva (oral e escrita) ou em ambas (PELOSI, 2000, 2011). Tal dificuldade de comunicação pode estar associada a alterações cognitivas (deficiência intelectual em diversos graus) ou ainda relacionada com aspectos emocionais (NUNES, 2003). As dificuldades de comunicação podem comprometer tanto a aquisição de sistemas simbólicos, como a cognição, como o desenvolvimento das Habilidades Sociais (LEITE; PRADO, 2004; SÁ; RABINOVICH, 2006; LORENA; NUNES; GERK, 2008).

No caso da pessoa com paralisia cerebral, os componentes não verbais: o olhar, o sorriso, os gestos e as expressões faciais constituem as modalidades comunicativas por excelência. Contudo, a falta de comunicação oral dificulta os relacionamentos interpessoais e com isto o próprio desenvolvimento das Habilidades Sociais.

Segundo Del Prette e Del Prette (2007) o termo habilidades sociais refere-se à “existência de diferentes classes de comportamentos sociais no repertório do indivíduo para lidar de maneira adequada com as demandas das situações interpessoais” (p. 31). Este conceito abrange não somente os aspectos verbais, mas também os componentes não verbais da comunicação apresentados pelo sujeito diante das demandas das situações e relações interpessoais.

A avaliação de Habilidades Sociais pode ser descritiva ou experimental (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006). Na primeira, os dados provém de fontes indiretas, como entrevistas, escalas e observação em situação análoga, e/ou de fonte direta como observação direta em situação natural, auto-registro e registro fisiológico. No segundo tipo, avalia-se a funcionalidade e a eficácia de programas de intervenção, incluindo dados sobre generalização na interação com outros interlocutores e em diferentes contextos.

Na avaliação descritiva visa-se caracterizar os instrumentos e os tipos de déficits no repertório da população pesquisada, bem como analisar as variáveis que podem inferir sobre os comportamentos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2006). Pela avaliação identificam-se déficits e excessos comportamentais, seus antecedentes e consequentes, respostas emocionais concomitantes e crenças distorcidas que estejam contribuindo para a não emissão de comportamentos socialmente habilidosos (FALCONE, 2002; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a).

Para ampliar a validade da avaliação, faz-se necessário ter como fontes de informação o próprio sujeito e seus parceiros, como os pais, professores e pares (CABALLO, 2003; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a, 2006). Considerando a dimensão pessoal, cultural e situacional das Habilidades Sociais, é recomendável a utilização de uma diversidade de instrumentos e informantes na avaliação, especialmente em se tratando de população com deficiência (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2004; 2005a).

Destacam-se aqui algumas características dos sujeitos do presente estudo. No que se refere à dimensão pessoal: estes sujeitos são jovens com afecções do sistema nervoso central surgidas na infância, sem caráter progressivo, mas que apresentam clinicamente distúrbios da motricidade, isto é, alterações do movimento, da postura, do equilíbrio, da coordenação, com presença variável de movimentos involuntários (GERSH, 2007). Por viverem em sociedade, onde a forma usual de comunicação é a verbal, estes jovens podem ser percebidos como não capazes de expressar e compartilhar seus pensamentos e sentimentos, o que pode acarretar prejuízos significativos em seus desenvolvimentos afetivo, social e cognitivo. Quanto à dimensão situacional, estes sujeitos podem exercer um papel passivo no processo de comunicação. Com a utilização efetiva dos recursos da Comunicação Alternativa¹ (CA) pode-se supor que estes sujeitos superem os limites de suas condições físicas (DELGADO, 2011). Na dimensão cultural, estes sujeitos aprendem também no coletivo as regras, valores, costumes, tradições e regras de uma sociedade. Contudo, necessitam de recursos alternativos e/ou ampliados para se expressarem.

Realizou-se uma avaliação multimodal (CABALLO, 2003; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005b) coletando informações com diferentes interlocutores e com uma diversidade de instrumentos, por meio da metodologia observacional - direta dos alunos em situação natural em diferentes espaços escolares (filmagem, registro e análise por categorias) e indireta (entrevistas semiestruturadas com as professoras, questionário com os familiares e aplicação de um Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não Oralizadas (IHSPNO) junto aos próprios sujeitos e as professoras, mas mantendo os alunos como sujeitos focais na autoavaliação), do repertório de comportamentos sociais.

Método

O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa (COEP) da UERJ, pelo Setor de Pesquisa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ), pela direção do Instituto Helena Antipoff da SME-RJ, e pela direção da Escola Municipal Especial do Rio de Janeiro. Foi obtida igualmente a permissão da professora regente da turma e dos pais por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram desenvolvidos dois estudos. O primeiro cuidou da adaptação do instrumento e o segundo coletou os dados utilizando o inventário já corrigido.

Ambos os estudos utilizaram avaliação multimodal e foram desenvolvidos no mesmo ambiente escolar. As sessões de coleta de dados, dos alunos e das professoras e responsáveis, foram realizadas na própria escola à qual pertenciam os sujeitos participantes. Essa escola tem como clientela crianças, adolescentes e jovens com deficiências múltiplas, intelectuais, físicas, sensoriais e/ou Transtornos do Espectro do Autismo. A escola possui salas de aula, refeitório, pátio, sala de educação física, quadra, clube de mães, compreendendo os espaços frequentados pelos alunos.

Estudo 1: grupo piloto

Participantes

Participaram como sujeitos do Estudo 1, quatro alunos que apresentam paralisia cerebral não oralizados, sendo três do sexo feminino e um do sexo masculino, seus familiares e a professora regente da turma. Os sujeitos, com idades entre 18 e 23 anos (média = 21 anos).

Instrumentos e procedimentos

Observação direta – Foi empregada a técnica de registro contínuo de observação ao vivo dos comportamentos dos alunos e das situações naturais de convívio escolar/social em cinco sessões com trinta minutos de duração em diferentes espaços. Além desses registros, sessões de 20 minutos gravadas em vídeo das interações desses alunos em sala de aula com a professora foram igualmente utilizadas para descrever o repertório de Habilidades Sociais e adequar as situações propostas pelo Inventário à realidade destes alunos com paralisia cerebral e não oralizados.

Ambos os protocolos de registros de observação, ao vivo e gravadas em vídeo, serviram para categorizar os componentes não verbais das interações, tendo como base o sistema de categorias proposto por Caballo (2003). As observações em vídeo também serviram para registrar a ocorrência destes componentes, conforme adaptação a partir de Angélico (2004).

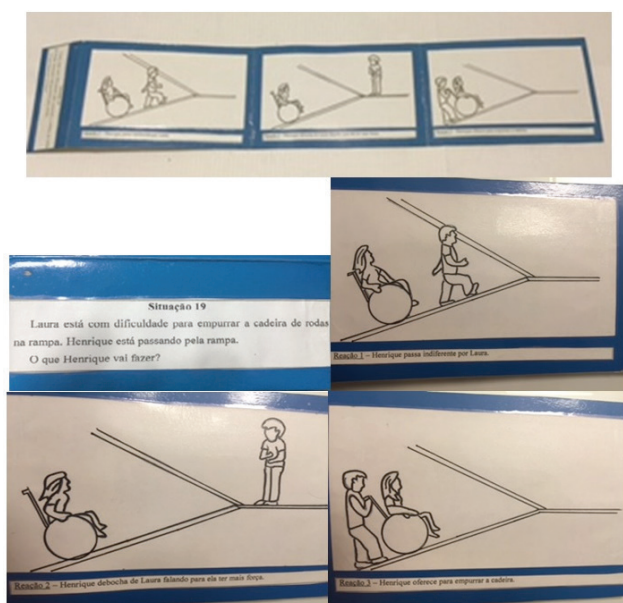
Aplicação do questionário para responsáveis focalizado nas Habilidades Sociais – O uso deste instrumento surgiu da necessidade de verificar junto aos responsáveis as Habilidades Sociais presentes em seus filhos. O instrumento foi submetido a julgamento por dez participantes do grupo de pesquisa e foi considerado adequado ao objetivo. Os pais responderam um questionário, com cinco alternativas de resposta baseadas nos critérios da escala de Likert (COHEN; SWERDLIK; STURMAN, 2014), no qual avaliaram as seguintes habilidades: básicas, autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade e fazer amizades, distribuídas em trinta itens. O questionário considerava as diferentes opções de respostas que o indivíduo emite tanto por meio de gestos como de pranchas de comunicação.

Realização de entrevistas com a professora focalizada nas Habilidades Sociais – A realização da entrevista semiestruturada recorrente foi orientada por um roteiro, e apresentou certa flexibilidade, permitindo que o entrevistado se expressasse sem limitações, obtendo-se uma variedade de informações, fornecidas por meio da fala e dos elementos não-verbais da comunicação. A entrevista foi gravada, transcrita de forma integral, e submetida à entrevistada que teve oportunidade de fazer comentários, corrigir ideias, esclarecer as falas - promovendo a fidedignidade dos dados (MANZINI, 2003, 2014). O instrumento coletou a percepção da professora sobre as seguintes Habilidades Sociais dos seus alunos: Básicas de comunicação; Autocontrole e Expressividade Emocional; Civilidade; Assertividade; Fazer Amizades e Habilidades Sociais Acadêmicas.

Elaboração e aplicação do Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não-Oralizadas (IHSPNO) – Este instrumento foi composto por vinte itens de múltipla escolha e descreve situações vivenciadas na escola por pessoas com deficiência. O IHSPNO foi aplicado tanto aos alunos como aos seus professores tendo os alunos como sujeitos focais. Os itens relataram uma situação problema, para a qual o sujeito tem três alternativas de reação: habilidosa, não habilidosa passiva e não habilidosa ativa. Este inventário teve como base o Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005c), a Escala de Assertividade (ALVES, 2003) e as situações geradoras selecionadas a partir de registros de observação (item 2.1).

A dimensão das pranchas foi baseada na Escala de Maturidade Mental Columbia (BURGEMEISTER; BLUM; LORGE, 2001), um instrumento de avaliação psicológica utilizado com pessoas que apresentam dificuldades motoras. As imagens são impressos monocromáticos, em papel branco, reforçadas com papel cartão e plastificadas. Optou-se por não colocar as expressões faciais nas pessoas desenhadas nas pranchas. Na parte superior da prancha é apresentado o título da cena de cada item do Inventário. A seguir, fica o relato da situação e ao lado ficam dispostas as três cenas desenhadas que representam as possíveis reações do sujeito, conforme exemplifica a Figura 1.

Figura 1 – Visão geral e parcial do item 19 do IHSPNO (QUITERIO, 2015) (ilustração: Marcílio Santos).



As opções de resposta foram apresentadas sob a forma de cartões e cada aluno apontava a sua opção diante de cada situação. As cinco opções basearam-se na Escala de Likert (COHEN; SWERDLIK; STURMAN, 2014). As respostas dos alunos eram anotadas no Protocolo do IHSPNO, bem como o tempo de execução. A seguir, cada resposta era classificada de acordo com o Crivo de Respostas em Habilidade (HB), Não Habilidade Passiva (NHP) e Não Habilidade Ativa (NHA). De acordo com a fundamentação teórica, a resposta habilidosa é considerada adequada ao contexto social e tanto a resposta passiva quanto a ativa eram consideradas como inadequadas à demanda social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005a). A partir do estudo com o grupo piloto, a avaliação foi utilizada no segundo grupo de sujeitos.

Resultados

As observações diretas foram realizadas somente no Estudo 1. Tais registros de observação possibilitaram a compreensão de resposta dos sujeitos participantes do estudo piloto, bem como a seleção de situações observadas no cotidiano escolar as quais fundamentaram a elaboração do Inventário de Avaliação de Habilidades Sociais para Pessoas Não Oralizadas (IHSPNO).

Todos os demais instrumentos foram aplicados e analisados em ambos os estudos.

Dados observacionais – Os protocolos de registro das assistentes e o da pesquisadora foram comparados para o cálculo de acordos e desacordos. Para obter o índice de fidedignidade das categorizações, utilizou-se a fórmula proposta por Fagundes (1985). A porcentagem média de acordos referentes a todos os comportamentos observados foi de 85% (variação: 72% - 100%).

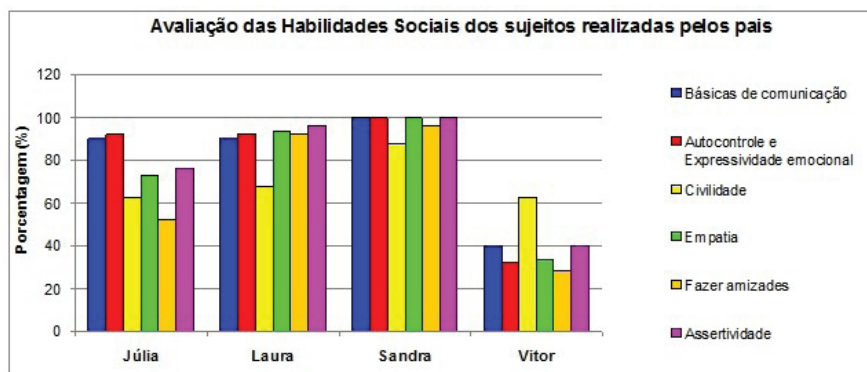
Pode-se inferir que os componentes não verbais mais utilizados pelo grupo foram em ordem decrescente: os assentimentos com a cabeça, o olhar/contato visual, os gestos, os sorrisos, a expressão facial, a postura corporal, os movimentos nervosos com as mãos, a postura corporal, a distância/proximidade, as auto manipulações, a latência de resposta, os movimentos das pernas e/ou pés, a aparência pessoal e por último a orientação corporal.

De acordo com a literatura, os comportamentos mais utilizados, dentre os não verbais (CABALLO, 2003), são o olhar/contato visual seguido dos gestos. No grupo estudado, constatou-se que o comportamento não verbal mais utilizado foi o assentimento com a cabeça (frequência média de 11,4 por sessão), por meio do qual o aluno emitia respostas sim/não a perguntas diretas. Consonante com a literatura, os outros comportamentos mais frequentes foram o olhar/contato visual (frequência média de 11 por sessão) seguido dos gestos (frequência média de 7,7 por sessão), sorriso (frequência média de 6 por sessão) e expressão facial (frequência média de 3,2 por sessão).

Os comportamentos que dependiam de maior mobilidade corporal apresentaram uma frequência menor, provavelmente por conta das dificuldades motoras apresentadas pelas pessoas com paralisia cerebral.

Questionários para responsáveis – Na Figura 2 estão apresentadas as porcentagens de emissão de comportamentos das subclasses das Habilidades Sociais de cada aluno de acordo com a avaliação de seus familiares do Estudo 1.

Figura 2 – Subclasses de Habilidades Sociais dos sujeitos Júlia, Laura, Sandra e Vitor (Estudo 1)



Após o levantamento do percentual individual calculou-se a média aritmética da emissão de comportamentos adequados para cada subclasse de habilidade social pelo grupo. Este resultado aponta a seguinte ordem crescente de emissão de comportamentos: Fazer amizades (67%), Civildade (70%), Empatia (75%), Assertividade (78%), Autocontrole e Expressividade emocional (79%) e Básicas de comunicação (80%).

Conteúdo das entrevistas com a professora – Esta parte do estudo deu ênfase à análise qualitativa, na qual as entrevistas foram transcritas na íntegra, realizando-se a seguir análise de conteúdo por área temática das Habilidades Sociais (BARDIN, 1977; NUNES, 2009). À guisa de ilustração destacam-se alguns trechos das entrevistas com seus devidos comentários em relação às subclasses avaliadas por este instrumento.

a) Civildade - relato da professora Clara em relação à aluna Júlia:

Quando ela está chegando na sala e eu, às vezes, finjo que não estou vendo, estou de cabeça baixa, aí ela começa a pular na cadeira ou ela começa a emitir sons. Na realidade ela está mostrando que ela chegou. Quando eu falo “Boa Tarde” Aí ela faz assim [balança positivamente] com a cabeça (trecho da entrevista semiestruturada referente à aluna Júlia).

b) Fazer amizades - diálogo entre três parceiros de conversação:

Tia da aluna chegou na sala e perguntou: Onde que eu vou colocar a Sandra?

Aí, Vitor chegou e puxou a cadeira. Puxou a cadeira tirando a cadeira dele para encaixar a dela.

Prof. Clara: Então você está dizendo que quer que a Sandra sente aqui com você? E ele sorriu (exemplo citado pela professora durante a entrevista semiestruturada).

c) Assertividade – relato da professora Clara:

“quando a Laura quer alguma coisa, ela vai até o final. Ou no choro, ou na força, dependendo do humor” (trecho da entrevista semiestruturada referente à aluna Laura).

O conteúdo das entrevistas do Estudo 1 revelou que a subclasse com baixa frequência de emissão de comportamentos foi Solução de Problemas Interpessoais, com frequência parcial foram Básicas de comunicação, Assertividade, Fazer amizades, Civilidade e Sociais Acadêmicas. Já a subclasse Autocontrole e Expressividade Emocional apresentaram alta frequência de emissão de comportamentos adequados às relações interpessoais.

Avaliação da Percepção das próprias Habilidades Sociais por meio da aplicação do IHSPNO – Cada resposta foi classificada de acordo com o crivo de respostas em habilidosa (HB), não-habilidosa passiva (NHP) e não-habilidosa ativa (NHA). Após esta classificação, procedeu-se à ordenação estatística descritiva correlacionando-se a tipologia das reações com a emissão de respostas adequadas em cada subclasse. O grupo apresentou a seguinte frequência de emissão de comportamentos: Fazer amizades (67,5%), Habilidades Sociais Acadêmicas (65%), Solução de Problemas Interpessoais (50%), Empatia e Civilidade (47%), Assertividade (44%) e Autocontrole (37,5%).

Estudo 2: grupo amostra

Participantes

Participaram do Estudo 2, oito alunos que apresentam paralisia cerebral sem oralidade, sendo quatro do sexo feminino e quatro do sexo masculino, com idade média de 13,9 anos. Seus familiares e as professoras de Sala de Recursos e de Educação Física das referentes turmas também participaram do estudo.

Instrumentos e procedimentos

Algumas alterações ocorreram somente no IHSPNO, pois tanto o questionário para responsáveis quanto o roteiro para a entrevista junto à professora não necessitaram de revisão segundo os próprios participantes da pesquisa.

A alteração realizada no IHSPNO foi à retirada dos cartões com as opções. Deste modo, as respostas puderam ser emitidas pelo apontar direto para uma das três opções ou a indicação do “sim” e do “não” quando a examinadora fazia a varredura das opções de resposta.

Para estimar a concordância entre a autoavaliação e a avaliação da professora por meio do IHSPNO optou-se pelo emprego do Teste de Wilcoxon-Mann-Whitney. Este teste verificou que não houve diferença entre as duas formas de avaliação, para $p \leq 0,02$ (SIEGEL; CASTELLAN, 2006). Convém destacar que todos os instrumen-

tos foram submetidos à análise por dez juízes, participantes do grupo de pesquisa, que consideraram os instrumentos viáveis de aplicação.

Resultados

Os questionários aplicados aos familiares, as entrevistas com as professoras e o Inventário de Habilidades Sociais para Pessoas Não Oralizadas realizado com o próprio sujeito e com as professoras foram aplicados tanto no Estudo 1 quanto no Estudo 2.

Questionários para responsáveis – Nas Figuras 3 e 4 estão apresentados os percentuais de emissão dos comportamentos das subclasses das Habilidades Sociais dos alunos do Estudo 2 de acordo com a avaliação de seus familiares.

Figura 3 – Subclasses de Habilidades Sociais dos sujeitos Carolina, Fábio, Ingrid e Júlio (Estudo 2).

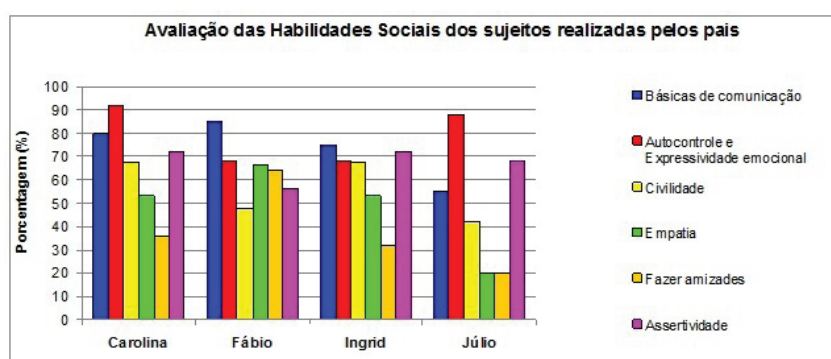
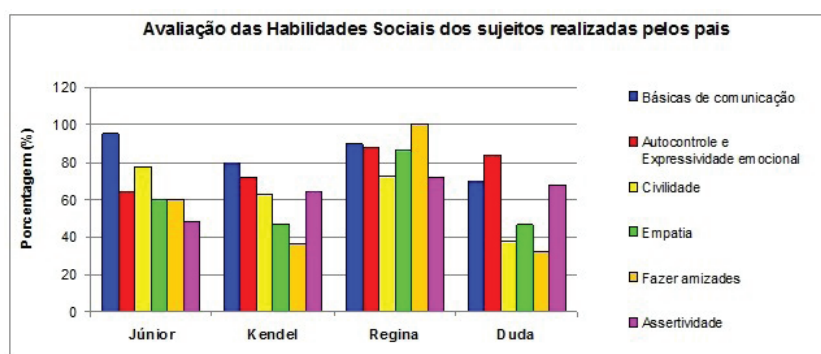


Figura 4 – Subclasses de Habilidades Sociais dos sujeitos Júnior, Kendel, Regina e Duda (Estudo 2)



A análise das Figuras 3 e 4 revela que os responsáveis consideraram por meio do questionário que seus filhos têm alta frequência de emissão de comportamentos nas subclasses Básicas de comunicação (78,8%) e Autocontrole e Expressividade emocional (78%). Nas subclasses Assertividade, Civilidade e Empatia, o grupo apresentou uma frequência mediana, com os índices 65%, 59,3% e 54,1%, respectivamente. Constatou-se por fim, baixa frequência de emissão de comportamentos na subclasse Fazer amizades (47,5%).

Conteúdo das entrevistas com a professora – destacam-se alguns trechos das entrevistas com seus devidos comentários em relação às subclasses avaliadas por este instrumento.

a) Básicas de Comunicação - a professora Joana fez a seguinte afirmativa sobre o contato ocular do aluno Junior:

“O olho só falta saltar na tentativa de dizer: me entenda, por favor”
(trecho da entrevista semiestruturada).

b) Autocontrole e Expressividade Emocional - relato da professora Joana sobre o aluno Júlio:

Ele se tranca. Ou então ele põe a mão na roda da cadeira de rodas: “Júlio, olha a mão na roda! Vai machucar!”. Então ele no início tenta fingir que não está ouvindo. Persiste naquilo. Aí quando eu pego no braço dele e digo “Não, você vai machucar sua mão!” “Aí ele baixa a cabeça” (trecho da entrevista semiestruturada).

c) Habilidades Sociais Acadêmicas, a professora Júlia revelou um diálogo que teve com a aluna Regina:

Você quer escrever uma coisa? “Aí ela diz que sim”. Então eu vou mostrando essas letras e você me diz com que letra... “Você sabe como escreve essa palavra?” “Aí ela diz que sabe. Então, eu fui botando e ela queria escrever “Te amo”, mas ela não escreveu em português, escreveu em inglês: ela botou “Love” certinho, com as letras ordenadas. Aí eu pensei: “Meu Deus, se apresentar isso às pessoas, elas vão achar que não foi ela quem fez, que foi a professora” (trecho da entrevista semiestruturada).

Resumindo as impressões coletadas a partir das entrevistas com as professoras no Estudo 2, constatou-se uma baixa frequência de emissão de comportamentos nas subclasses: Solução de Problemas Interpessoais e Civilidade. As subclasses Autocontrole e Expressividade Emocional, Fazer Amizades, Básicas de comunicação e Sociais Acadêmicas apresentaram frequências parciais e a subclasse Assertividade foi considerada com frequência adequada de emissão de comportamentos.

Avaliação da Percepção das próprias Habilidades Sociais por meio da aplicação do IHSPNO – Este grupo revelou frequência adequada em Assertividade (61,5%). As subclasses Autocontrole e Expressividade emocional (55%), Empatia e Civilidade (53%) e Social Acadêmica (53%) obtiveram um desempenho parcial. Em contrapartida, as subclasses Fazer amizades (38%) e Solução de problemas interpessoais (40%) revelaram uma baixa frequência de emissão de comportamentos.

Discussão

O presente trabalho teve como proposta avaliar as auto percepções de crianças e jovens com paralisia cerebral e as percepções dos familiares e professoras quanto às Habilidades Sociais de seus filhos ou alunos não falantes, assim como elaborar um instrumento (IHSPNO) com situações observadas no ambiente escolar. Este instrumento teve o formato de pranchas (CA) para que viabilizasse que estes alunos pudessem sinalizar a resposta mais adequada em seu desempenho social.

A literatura especializada tem reconhecido a importância das Habilidades Sociais “como fator de proteção no curso do desenvolvimento humano” (MURTA, 2005, p. 283). Assim, buscou-se compreender a capacidade do indivíduo de recorrer em seu repertório ao comportamento adequado à situação. A constituição deste repertório tem relação direta com os pensamentos, sentimentos, metas e crenças que necessitam ser adequados ao contexto social. Por isto, apresenta uma dimensão avaliativa, na medida em que o indivíduo pode ou não ter proficiência no desempenho de cada habilidade. Isto é, ele pode emitir um comportamento do seu repertório, mas este pode não ser adequado à demanda social.

A abordagem multimodal (instrumentos, informantes e procedimentos) utilizada forneceu informações para futuros programas de Treinamento em Habilidades Sociais (ANGÉLICO, 2004), os quais beneficiarão os alunos, por meio de intervenções educacionais que favoreçam a ampliação do repertório social, bem como um desempenho social mais elaborado e adequado à demanda, que facilite os relacionamentos interpessoais de sujeitos com paralisia cerebral. E, além disto, oportunizar uma formação continuada para professores e orientações para os familiares.

A avaliação via questionário foi realizada em quase totalidade por pessoas do sexo feminino. Isso se deveu à tentativa de minimizar variáveis, tendo como respaldo a própria área de Habilidades Sociais quanto às dificuldades nas reações das pessoas frente a interlocutores de sexos diferentes (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005b; MURTA, 2005).

Diante destes resultados, constata-se que o questionário atendeu ao objetivo de obter a percepção dos familiares sobre as Habilidades Sociais de seus filhos, inclusive em relação às orientações presentes no formulário quanto ao tipo de linguagem e a forma de contato social.

Outro instrumento utilizado foi a entrevista com as professoras focalizada nas Habilidades Sociais dos alunos. Após a análise de conteúdo puderam-se inferir alguns comentários que comprovaram que as entrevistas alcançaram o objetivo proposto de avaliar como seus alunos efetivam os relacionamentos interpessoais.

Buscando uma relação entre todos os instrumentos, com vistas a uma análise do repertório das Habilidades Sociais de pessoas com paralisia cerebral não oralizadas, percebeu-se que as subclasses Assertividade, Autocontrole e Expressividade emocional foram as que apresentaram melhor desempenho. Esta envolve prioritariamente os aspectos não verbais na emissão e compreensão das emoções, o que neste contexto pode favorecer a interação de pessoas não oralizadas. Aquela envolve a capacidade de

enfrentamento, que pode ser devido ao fato de terem que lidar com uma gama de situações adversas, tendo que desenvolvê-la como forma de luta pelos seus direitos.

Com desenvolvimento parcial destacaram-se as subclasses Básicas de comunicação, Empatia, Fazer amizades e Sociais Acadêmicas. A primeira pode ser devido ao fato de esta classe articular os componentes verbais e os não verbais como ilustradores do primeiro. A subclasse Empatia envolve uma percepção apurada da situação e do outro. Acredita-se que esta subclasse aparece na medida em que esta população vê-se aprisionada em um corpo que vê, ouve e compreende o que passa ao redor, porém sem conseguir interferir neste ambiente.

A subclasse Fazer amizades requer em qualquer interação um trabalho árduo de envolvimento e, no caso de pessoas com deficiência, tem um papel especial na medida em que estas pessoas podem possuir histórias de vida marcadas pelo isolamento e poucas oportunidades. A última subclasse com déficit parcial foi a Habilidade Social Acadêmica que apresenta situações de vida escolar. Parece que os grupos apresentam esta dificuldade não em sua sala de aula, mas em outros ambientes escolares quando se faz necessário, ao lidar com diferentes interlocutores.

Verificaram-se déficits significativos em Civilidade, levantando-se a hipótese de que o fato de se utilizar, de modo mais frequente, a comunicação verbal por meio do cumprimento, do chamar pelo nome e outros indicativos pode prejudicar as pessoas sem oralidade, pois vão apresentar-se por comportamentos não verbais e pelos recursos alternativos de comunicação, o que leva a refletir se os indivíduos oralizados, por questões culturais, estão habituados a perceberem estas duas últimas formas de linguagem, especialmente a CA (NUNES, 2003).

Outra subclasse com dificuldades no desempenho foi a Solução de Problemas Interpessoais, visto que envolve processos cognitivos bem elaborados e que são desenvolvidos na interação com o outro. Como o acesso a diferentes objetos, interlocutores e contextos fica limitado o desempenho pode ficar prejudicado. Outro aspecto é que esta habilidade envolve a tomada de decisões que nesta população, em diversos momentos, é feita pelo interlocutor.

Conclusões

Estes resultados não denotaram déficit de aquisição, visto que nenhum dado revela ausência total de habilidade, mas déficits de desempenho (falta de oportunidade de explorar tanto as situações como as relações e controle de estímulo privilegiando a dependência em detrimento da autonomia) e de fluência (exposição insuficiente a desempenhos sociais competentes) nas relações interpessoais (GRESHAM; ELLIOTT, 1990; 2002; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2004; 2005b).

Elaborando uma análise geral dos instrumentos percebeu-se que os primeiros passos na compreensão das Habilidades Sociais de Pessoas Não-Oralizadas foram dados, por meio da escolha dos instrumentos de avaliação utilizados no estudo, centrando a discussão na escassez de instrumentos de medida validados para a população estudada. Contudo, constata-se que o número reduzido de participantes impossibilitou

uma significância estatística ou testes de confiabilidade que limitaram as conclusões desses resultados, indicando a necessidade de modelos de avaliação mais completos e de aperfeiçoamento metodológico nessa área.

Destaca-se que eventuais divergências de percepções entre os familiares, os professores e os próprios alunos aconteceram. Isto pode ser atribuído a questões de adaptação de instrumentos, diferenças nos comportamentos específicos da população em foco ou por questões sócio-culturais (GRESHAM; ELLIOTT, 1990; 2002; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2004).

As limitações tanto humanas como científicas existem em quaisquer indivíduos e contextos, o que não significa que esta pessoa não seja participativa (VYGOTSKY, 2005), visto que estas podem ser minimizadas com participação ativa da família e da escola, pois para uma efetiva inclusão é necessário um funcionamento adaptativo em termos de autonomia, responsabilidade social e qualidade das relações interpessoais, pois “independente dos padrões de normalidade”, a pessoa precisa estar engajada no contexto social (ANGÉLICO, 2004; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2004, 2007).

Este estudo possibilitou traçar uma avaliação inicial do repertório de Habilidades Sociais de uma população com paralisia cerebral não oralizada, por meio de uma avaliação multimodal que utilizou diferentes instrumentos e informantes. Por outro lado, vislumbra um novo capítulo no estudo das Habilidades Sociais de pessoas com deficiência. Há questões discutidas ao longo do trabalho que reafirmam a necessidade da elaboração de instrumentos de avaliação para populações com peculiaridades. Finalmente, este estudo revelou a necessidade de um trabalho de promoção das Habilidades Sociais junto a estas pessoas, bem como uma orientação familiar e formação dos educadores para que em diversos contextos sociais o indivíduo possa ter oportunidade de interagir com outro.

Referências

- ALVES, C. A. **Estudos para a construção de uma Escala de Assertividade para Crianças**. 2003. 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.
- ANGÉLICO, A. P. **Estudo descritivo do repertório de habilidades sociais de adolescentes com Síndrome de Down**. 2004. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BURGEMEISTER, B.B.; BLUM, L. H.; LORGE, I. **Escala de Maturidade Mental Columbia**: manual para aplicação e interpretação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 68 p.
- CABALLO, V. E. Elementos componentes da habilidade social. In: CABALLO, V. E. **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: Santos, 2003. p. 17-97.
- CASTEL, R. Cadrer L'exclusion. In: KARSZ, S. (Org.). **L'exclusion définir pour en finir**. Dunod: Paris, 2000.
- COHEN, R. J.; SWERDLIK, M. E.; STURMAN, E. D. **Testagem e avaliação psicológica**: introdução a testes e medidas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais**: vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Avaliação do repertório social de crianças com necessidades educacionais especiais. In: MENDES, E.G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. A. (Org.). **Temas em Educação Especial**: avanços recentes. São Carlos: EDUFSCar, 2004. p. 149-157.

- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005a.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005b.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Sistema Multimídia de Habilidades Sociais de Crianças**: (SMHSC-Del-Prette) manual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005c. 99 p.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Avaliação multimodal de habilidades sociais em crianças: procedimentos, instrumentos e indicadores. In: BANDEIRA, M.; PRETTE, Z.; PRETTE, A. (Org.). **Estudo sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 47-68.
- DELGADO, S. M. M. O papel do interlocutor no processo de interação e comunicação com jovens não falantes. In: NUNES, L. R. D'O. P.; QUITERIO, P. L.; WALTER, C. C. F.; SCHIMER, C. R.; BRAUN, P. (Org.). **Comunicar é preciso: em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência**. Marília: ABPEE, 2011. p. 59-69.
- FALCONE, E. O. Contribuições para o treinamento de habilidades de interação. In: GUILHARDI, H. J.; MADI, M. B. B. P.; QUEIROZ, P. P.; SCOZ, M. C. (Org.). **Sobre comportamento e cognição: contribuições para a construção da teoria do comportamento**. Santo André, SP: ESETec, 2002. p.91-104.
- GERSH, E. O que é paralisia cerebral? In: GERALIS, E. (Org.). **Crianças com paralisia cerebral: guia para pais e educadores**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 15-34.
- GRESHAM, F. M.; ELLIOTT, S. N. **Social skills rating system**. Circle Pines, MN: American Guidance Service, 1990.
- GRESHAM, F. M. Social skills assessment and instruction for students with emotional and behavioral disorders. In: LANE, K. L.; GRESHAM, F. M.; O'SHAUGHNESSY, T. E. (Org.). **Children with or at risk for emotional and behavioral disorders**. Boston: Allyn & Bacon, 2002. p. 177-194.
- LEITE, J. M. R. S.; PRADO, G. F. de. Paralisia cerebral aspectos fisioterapêuticos e clínicos. **Revista Neurociências**, vol. 12, n.1. 2004. Disponível em: <www.unifesp.br/dneuro/neurocienciasvolume12-1>. Acesso em: 14 jun. 2007.
- LORENA, P.; NUNES, L. R. O. P.; GERK, E. Avaliação e promoção das habilidades sociais de jovens com paralisia cerebral que participam de programa de comunicação alternativa e ampliada. In: OLIVEIRA, A. I.; LOURENÇO, J. M. Q.; GAROTTI, M. F. (Org.). **Tecnologia assistiva: pesquisa e prática**. Belém: EDUEPA, 2008. p. 27-34.
- MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MANZINI, E. J. **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: EDUEL, 2003. p. 11-25.
- MANZINI, E. J. Entrevista qualitativa. **Curso ministrado no Programa de Pós Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.
- MENDES, E. G. Breve histórico da educação especial no Brasil. **Revista Educación y Pedagogía**, Medellín, Universidad de Antioquia, Facultad de Educación, v. 22, n. 57, p. 93-109, 2010.
- MURTA, S. G. Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.18, n.2, p. 283-291, 2005.
- NUNES, L. R. O. P. **Favorecendo o desenvolvimento de jovens com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: Dunya, 2003.
- NUNES, L. R. O. P. A pesquisa sobre comunicação alternativa na pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. In: DELIBERATO, D.; GONÇALVES, M. J.; MACEDO, E. C. (Org.). **Comunicação alternativa: teoria, prática, tecnologias e pesquisa**. São Paulo: Memnon, 2009. p. 322-334.
- OMOTE, S. Diversidade, educação e sociedade inclusiva. In: OLIVEIRA, A.; OMOTE, S.; GIROTO, E. C. (Org.). **Inclusão escolar: as contribuições da educação especial**. São Paulo: FUNDEPE/Cultura Acadêmica, 2008. p. 15-32.
- PELOSI, M. B. **A comunicação alternativa e ampliada nas escolas do município do Rio de Janeiro: formação de professores e caracterização dos alunos com necessidades educacionais especiais**. 2000. 223 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2000.

PELOSI, M. B. Tecnologia Assistiva. In: NUNES, L. R. D'O. P.; QUITERIO, P. L., WALTER, C. C. F.; SCHIMER, C. R.; BRAUN, P. (Org.). **Comunicar é preciso**: em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência. Marília: ABPEE, 2011. p. 37-46.

SÁ, S. M. P.; RABINOVICH, E. P. Compreendendo a família da criança com deficiência física. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 16, n.1, p.68-84, 2006.

SCHIRMER, C. R.; NUNES, L. R. D'O. P. Introdução à comunicação alternativa em classes comuns de ensino. In: NUNES, L. R. D'O. P.; QUITERIO, P. L., WALTER, C. C. F.; SCHIMER, C. R.; BRAUN, P. (Org.). **Comunicar é preciso**: em busca das melhores práticas na educação do aluno com deficiência. Marília: ABPEE, 2011. p. 81-91

SIEGEL, S.; CASTELLAN, N. J. **Estatística não paramétrica para ciências do comportamento**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios, política e prática em educação especial**. Salamanca, Espanha. Conferência Mundial sobre necessidades em Educação Especial, 1994.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Notas

¹ A Comunicação Alternativa e Ampliada (CA) constitui-se uma área da Tecnologia Assistiva, que envolve o emprego de diferentes recursos manuais, gráficos e tecnológicos que favoreçam a expressão e a comunicação de indivíduos não falantes com seus interlocutores. Para maior aprofundamento consultar Nunes, 2003; Schirmer e Nunes, 2011.

* Para preservar a privacidade dos participantes os nomes apresentados são fictícios.

Correspondência

Patricia Lorena Quiterio – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia. Rua São Francisco Xavier, 524 - sala 10.030E, Maracanã. CEP: 20550900. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: patricialorenauerj@gmail.com – elianegerk@gmail.com – leilareginanunes@terra.com.br

Recebido em 11 de novembro de 2016

Aprovado em 17 de abril de 2017